

UNIVERSIDADE EVANGÉLICA DE GOIÁS – UniEVANGÉLICA

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

MARIANA GOMES PEREIRA

**A CHINA COMO PRINCIPAL PARCEIRO COMERCIAL DO
BRASIL:**

Uma análise das vantagens e desvantagens

ANÁPOLIS - GO
2022

Mariana Gomes Pereira

**A CHINA COMO PRINCIPAL PARCEIRO COMERCIAL DO
BRASIL:
Uma análise das vantagens e desvantagens**

Trabalho apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II como exigência parcial para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação do Prof. Me. Márcio Dourado Rocha.

ANÁPOLIS - GO
2022

A CHINA COMO PRINCIPAL PARCEIRO COMERCIAL DO BRASIL: Uma análise das vantagens e desvantagens.

Resumo: O presente trabalho aborda o comércio internacional e suas justificativas a partir do aproveitamento de vantagens competitivas e comparativas de diferentes países, sempre em busca de melhores custos de transação, fazendo com que o mundo se torne uma grande linha de produção, com componentes sendo produzidos em diferentes países, dependendo de sua competitividade em custos. Aborda a evolução da economia chinesa e sua relação com o exterior, focalizando especificamente a relação Brasil-China e sua consolidação como o principal parceiro comercial brasileiro. Analisa criticamente as relações de troca entre Brasil e China, onde, a partir de dados obtidos junto às organizações públicas e privadas aponta-se que os termos de troca são injustos para o Brasil considerando sua dependência do setor primário. Utiliza de pesquisa bibliográfica para o apontamento das críticas expostas. Faz considerações finais em que aponta possíveis caminhos para a melhoria dos termos de troca de forma a favorecer mais o Brasil, podendo servir de subsídios para futuras políticas públicas relacionadas à internacionalização brasileira não só perante a China, mas também ao restante dos parceiros comerciais.

Palavras-chave: China; Brasil; comércio Brasil-China, comércio exterior

CHINA AS BRAZIL'S MAIN BUSINESS PARTNER: An analysis of the advantages and disadvantages

Abstract: The present work deals with international trade and its justifications from the use of competitive and comparative advantages of different countries, always in search of better transaction costs, making the world become a large production line, with components being produced in different countries, depending on their cost competitiveness. It addresses the evolution of the Chinese economy and its relationship with the outside world, focusing specifically on the Brazil-China relationship and its consolidation as the main Brazilian trading partner. It critically analyzes the trade relations between Brazil and China, where, based on data obtained from public and private organizations, it is pointed out that the terms of trade are unfair for Brazil considering its dependence on the primary sector. It uses bibliographic research to point out the exposed criticisms. It makes final considerations in which it points out possible ways to improve the terms of trade in order to favor Brazil more, and may serve as subsidies for future public policies related to Brazilian internationalization not only towards China, but also to the rest of the trading partners.

Keywords: China; Brazil; Brazil-China trade, foreign trade.

1. INTRODUÇÃO

As atividades comerciais estão presentes na rotina da humanidade desde a antiguidade. Seja em forma de troca de mercadorias entre agricultores de forma rudimentar, às complexas relações inflacionárias e comerciais executadas hodiernamente através de transações cambiais e extensos vínculos internacionais.

O comércio internacional é um dos pilares das nações desenvolvidas, por meio dele as economias obtêm divisas para honrar seus pagamentos, bem como conseguem se aproveitar de vantagens competitivas de outros países que produzem diferentes bens a menores custos.

Na economia moderna o comércio internacional tem ganhado ainda mais destaque, com o advento da globalização, novas economias e modelos de exportação se consolidaram, o comércio eletrônico e o desenvolvimento dos meios de transporte corroboraram muito para com tal processo.

A China tem se despontado como uma nação de destaque nesse contexto de economia globalizada, com um mercado consumidor superior a 1,3 bilhão de pessoas, configura-se como um grande demandante de produtos, sobretudo os produtos básicos, e, após severa revolução nos modos de produção, se tornou um grande ofertante de bens manufaturados de capital e de consumo.

A extraordinária expansão econômica fez da China o país de mais alto e persistente crescimento econômico dos tempos modernos, (MEDEIROS, 1979) ocupando o primeiro lugar no ranking de exportações e segundo lugar de importação no comércio mundial de mercadorias. (WORLD TRADE ORGANIZATION, 2020) Com isso se torna umas melhores nações para investimentos estrangeiros.

De modo similar, o Brasil passou por significativas mudanças no desenvolvimento econômico e social interno, em um histórico recente. Juntamente, conquistou importante avanço no cenário internacional econômico de mercados emergentes, principalmente através dos firmamentos de políticas de incentivo fiscal, onde a política de comércio exterior brasileiro priorizou a ampliação e a diversificação dos mercados de exportação por meio da desoneração dos tributos relativos às exportações, nas importações ocorreram alguns incentivos pontuais. Tornando-se um mercado mais atrativo para investimentos, bem como, o resultado refletiu em expansão dos mercados atendidos pelo Brasil a partir da consolidação das exportações de commodities. (ARBOLÉYA-LOPES; SESSO

FILHO; ESTEVES, 2020)

Relações bidirecionais lucrativas se firmaram entre o Brasil a China em função do tempo. Uma linha temporal extensa pode ser traçada a fim de exemplificar os altos e baixos nos antecedentes históricos do comércio entre Brasil e China, pautados em conflitos, diferenças sociais, culturais e outros, entretanto, tal parceria sobrevive e a China permanece como principal vetor positivo para o crescimento do comércio brasileiro. (DIAS; LEITE; MORI, 2016)

De modo geral, parcerias comerciais são importantes tanto para o desenvolvimento externo quanto interno de um país. Benefícios são evidentes na consolidação de parcerias comerciais, como movimentação financeira para a economia nacional, impacto nas cadeias produtivas em trabalho, renda e outras variáveis que impulsionam a economia. Similarmente, desvantagens também estão presentes e devem ser avaliadas e consideradas para a manutenção de tais negócios, como desabastecimento do mercado interno, concorrência e aumento dos preços dos produtos comuns de mercado interno e exportados, possível dependência de materiais, insumos e tecnologias, dentre outros.

Dessa forma, esse estudo tem por objetivo avaliar as vantagens e desvantagens da China como principal parceiro comercial do Brasil.

2. A importância do comércio internacional para a Economia Brasileira

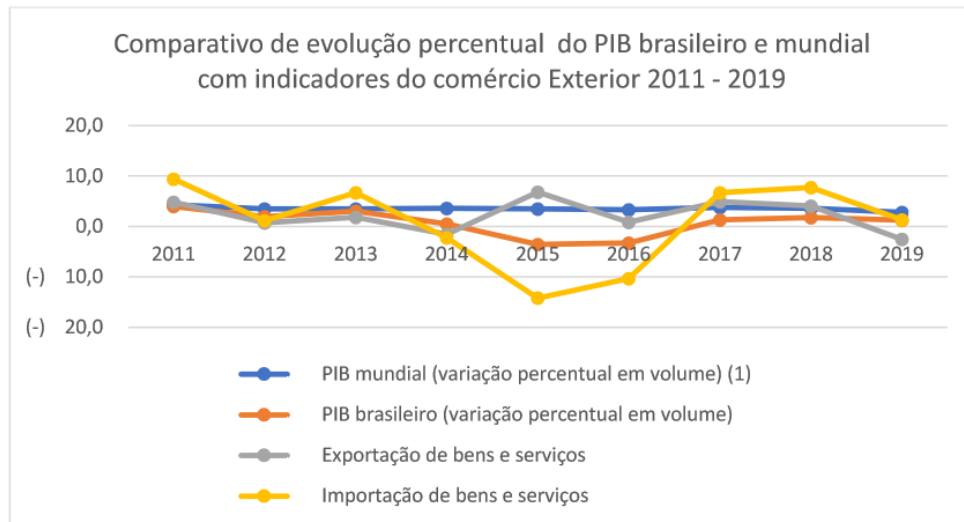
No ponto de vista histórico, o Brasil desde o seu surgimento, sempre foi um país com inserção no comércio internacional. Identificados através de ciclos, como o do pau-brasil, que tem por característica a atividade extrativa, os ciclos de produção agrícola, da borracha, da cana-de-açúcar, do cacau e do café, e de atividade mineradora, no qual o ouro foi o principal produto envolvidos na formação da economia do Brasil. (DANTAS; SANTOS, 2009)

A característica de exploração de matérias-primas e recursos energéticos se manteve durante bastante tempo e se transformou em exportação comercial de indústria extrativa (minério de ferro e seus concentrados, óleo bruto de petróleo) e agropecuária (soja, milho, trigo, café etc.), compreendendo juntos, 48% dos produtos exportados em 2021, com movimentação de 135,2 Bilhões de dólares. (MIDIC, 2022)

As exportações em 2021/2020 totalizaram mais de 280,8 bilhões de dólares e importações aproximadamente 219,4 bilhões de dólares. Juntos somaram mais de 500,2 bilhões de dólares, com superávit de 61,4 bilhões. 31,3% e 21,8% foram os dados de exportação e importação para/da china, respectivamente, com corrente comercial de 27%. Apesar de parecer irrisório a representação do fluxo financeiro envolvido nas ações de exportação e importação em âmbito nacional, representado por 0,5 % do PIB brasileiro em 2021, ainda assim trata-se de um montante representativo. (MIDIC-2022)

Para fins comparativos, no cenário nacional esses valores são superiores ao somatório do montante destinado aos programas orçamentários que executam despesas na área de saúde, bem como os valores da arrecadação federal de tributos pagos pelos brasileiros por meio de impostos em 2021, juntos alcançando mais de 2 trilhões de reais. Ainda assim representa parcela inferior ao movimentado com importações e exportações no mesmo período. Logo, os valores oriundos desse mercado são expressivos. (PORTAL DA TRANSPARÊNCIA-2022) e (SEC. ECON-2022)

Gráfico 1



(IPEA-2022)

Conforme demonstrado no Gráfico 01, O PIB brasileiro apresentou relativa estagnação no período, com as importações e exportações apresentando ligeira variação, o que se foi ocasionado especialmente pela variação cambial e pelos ciclos dos principais produtos exportados, as commodities.

3. A China enquanto o principal parceiro comercial do

Brasil.

A consolidação entre o eixo comercial China-Brasil e o histórico da parceria, a relação que parece ser forte e estável pode se torna insegura e vulnerável de acordo com o cenário enfrentado, e depende de uma miríade de fatores para a manutenção da parceria. Sendo assim, torna-se necessário compreender os pontos de inflexão envolvido nessa parceria.

Em conjunto, a economia de ambos os países foram crescendo cada vez mais. De acordo com Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC-Agenda China nos anos de 2000 a 2007 aumentou dez vezes o comercio entre Brasil e China, essa atuação fez a China pular de 12º posição em 2000 para o terceiro maior parceiro do Brasil em 2005. Assim o fluxo do comércio Brasil e China foi tendo resultados positivos, a cada ano o crescimento era ainda maior, de 2005 a 2008 teve um aumento significativo, em 2009 permaneceu estável ao do ano anterior, assim dando uma guinada positiva de 2010 a 2011, passando de 36,9 (em US\$ Bilhões) em 2009, para 77,1 (em US\$ Bilhões) em 2011, e tendo uma redução em 2012 de 1,6 (em US\$ Bilhões), de 2012 para 2014 passou de 3,8 (em US\$ Bilhões), para 4,3 (em US\$ Bilhões) tendo um crescimento volumoso para a economia dos países (DIAS; LEITE; MORI, 2016). Por fim, o fluxo comercial levou a China a corresponder desde 2010 como maior parceiro comercial do Brasil. Dado isso, tanto a China quanto o Brasil procuraram, de maneira progressiva, impregnar a prática das relações internacionais de pragmatismo e profissionalismo, em prol de resultados mais positivos para suas políticas desenvolvimentistas (BRASIL 2011)

O crescimento econômico chinês ao longo das décadas de 1990 e 2000 e o seu avanço na indústria e inovação, conjuntamente com a grande capacidade produtiva do agronegócio brasileiro, propiciou o terreno para uma grande parceria entre as duas nações partir dos comércios das nossas commodities. (DREBES; SOARES; PINTO, 2020) Nos anos de 2003 e 2008 impulsionado pelo cenário internacional extremamente favorável a economia brasileira experimentou nos últimos anos um período de extraordinário crescimento de suas exportações. (HIRATUKA, CÉLIO; SARTI, 2016)

O comércio do Brasil e da China evoluiu tanto com o crescimento das exportações quanto das importações. Os principais grupos de produtos exportados pelo Brasil, com base no agrupamento dos anos de 2012 a 2014, em primeiro lugar, com 107,4% ficaram

a Soja em Grão e Sementes, segundo lugar ficou o Minério com 103,8% e em terceiro ficou o Combustível com 29,1%. Apesar do alto valor envolvido nas exportações e importações entre Brasil e China e o estabelecimento concreto de transações bidirecionais, o padrão mostra que as importações brasileiras são totalmente o contrário das exportações, tendo como principal fator os produtos manufaturados com 96%, sendo 3% de básicos e 1% de semimanufaturados. As exportações brasileiras feitas para a China são mais de 70% de produtos básicos, 18% de produtos semimanufaturados e uma pequena fatia, de apenas 9% de produtos manufaturados, que são os que mais agregam valor no produto. O padrão evidencia que os interesses mercadológicos se correlacionam. (DIAS; LEITE; MORI, 2016)

Conforme dados do Ministério da Economia (2021), em 2020 o Brasil exportou para a China US\$ 67.788,1 milhões de dólares. As principais mercadorias exportadas neste ano foram: minérios ferrosos e seus concentrados, óleos brutos de petróleo, soja triturada e carne de bovino, representando cerca de 81,6% da totalidade das exportações. Ainda conforme o Ministério da Economia (2021), neste mesmo ano, o Brasil importou da China US\$ 34.041,3 milhões de dólares. (TECNOLOGIA; LESTE, 2021) Conforme o Gráfico 2

Gráfico 2- Balança Comercial entre Brasil e China:



Fonte: Relações comerciais brasil e china: os impactos da pandemia covid-19

4. O comportamento da China no comércio internacional

A China atualmente é uma das maiores economias globais, dado isso, crescente tem sido o interesse científico em estudar e avaliar a evolução de seu comércio exterior e os fatores que levaram a essa crescente. Segundo (ACIOLY, 2005), alguns motores influenciaram no seu crescimento econômico externo, como a Zona Econômica Especial, os Investimentos Diretos Externos, as reduções de tarifas e facilitações para a produção, a mão de obra barata mais com alta produtividade entre outros. De um lado, o intenso processo de liberalização de preços, de outro, períodos de afrouxamento da política monetária permitiram expansão dos investimentos das empresas estatais. Esses fatores foram responsáveis por esse crescimento, apesar de nenhum deles, isoladamente, poder ser apontado como o principal. Na verdade, admite-se que houve uma coincidência de fatores geográficos, históricos, políticos e econômicos, que não podem ser replicados. (NONNENBERG, 2010)

Por isso a China passou a ser uma das economias que mais crescem no mundo, assim sendo um dos maiores exportadores, e importadores de matérias primas mundialmente

As reformas econômicas da China no final dos anos 70 despertaram um gigante econômico adormecido, encorajaram a formação de empresas rurais e negócios privados e geraram investimentos na produção industrial e na educação da mão-de-obra. Liberalizaram o comércio exterior e os investimentos estrangeiros, marcando o início do papel fundamental da China na arena internacional. Diversas mudanças internas ocorreram nesse período e corroboraram para a sua ascensão. Sua presença no cenário econômico mundial foi fortalecida após as reformas, iniciadas em 1978, que levaram à modernização da economia e à abertura sistemática para investimentos estrangeiros. A partir de 2000, a China tornou-se um investidor internacional importante, estabelecendo novas ligações com a comunidade internacional e em 2001 ao aderir a Organização Mundial do Comércio (OMC), a China viu o valor de seu comércio internacional ser ampliado, tanto as importações como as exportações. (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES-2013)

A integração da China na economia mundial tem sido crescente. Entre 1980 e 2004, o peso das exportações e das importações chinesas de mercadorias no total mundial aumentou de cerca de 1 por cento para 6.6 e 6.0 por cento, respectivamente, no mesmo período, a taxa de crescimento média anual do Produto Interno Bruto (PIB), em termos

reais, foi de 9.5 por cento, muito superior ao crescimento da economia mundial, tornando-

se o terceiro maior receptor de investimento direto estrangeiro, exportador e importador a nível mundial em 2004. (MARTINS, 2005)

Uma das principais características do desenvolvimento econômico da China nos últimos 30 anos foi o expressivo aumento do comércio exterior. Entre 1975 e 2008, as suas exportações saltaram de US\$ 7,7 bilhões para US\$ 1.428 bilhões, ao mesmo tempo em que as importações pularam de US\$ 7,9 bilhões para US\$ 1.133 bilhões. Esse extraordinário crescimento foi viabilizado por diversos fatores, sendo os mais importantes a política cambial, especialmente a forte desvalorização real da moeda chinesa ocorrida entre 1990 e 1994, e os ganhos de competitividade da indústria chinesa possibilitada, por sua vez, pela liberalização das importações. No entanto, o comércio exterior somente começa a se tornar peça-chave para o crescimento da economia chinesa no final da década de 1980, quando tanto exportações quanto importações ultrapassam 15% do PIB. (BRAGA, 2010)

Mais recentemente, a China vem demonstrando uma atuação mais assertiva nas organizações internacionais, reflexo da força econômica crescente que acompanha sua escalada de desenvolvimento econômico, historicamente sem precedentes. A china possui vínculo, boas relações e integra diversos blocos econômicos pelo mundo, alguns mais antigos e outros mais recentes. A integração da china e sua intensa participação e influência no cenário global afetam também a geopolítica mundial. As principais participações da china no comércio exterior são:

A Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) - Criada em 1967, seus objetivos e propósitos diziam respeito à cooperação nos campos econômico, social, cultural, técnico, educacional e outros, e na promoção da paz e estabilidade regionais por meio do respeito permanente pela justiça e pelo estado de direito e a adesão aos princípios das Nações Unidas. Assegurar a estabilidade política e acelerar o processo de desenvolvimento da região também são tópicos em pauta. A ASEAN se propõe a estabelecer uma verdadeira zona de livre comércio para, em seguida, dotar os parceiros de uma única política externa comercial, criando uma união aduaneira. (ASEAN-2022)

Parceria Econômica Regional Abrangente (RCEP - Regional Comprehensive Economic Partnership) - Considerado o maior acordo de comércio da história, tem a China como uma das idealizadoras e integrantes. Conta com a participação 15 países da região Ásia-Pacífico, dentre eles, o Japão, coreia do sul e nova Zelândia. Esse novo bloco econômico corresponde a mais de 30% do PIB mundial e quase 1/4 da população do

econômico corresponde a mais de 50% do PIB mundial e quase 75 da população do

planeta. O objetivo de lançar as negociações do RCEP é alcançar um acordo de parceria econômica moderno, abrangente, de alta qualidade e mutuamente benéfico entre os estados membros da ASEAN. (RCEPSEC-2022)

A Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (APEC - Asia-Pacif Economic Cooperation) é o principal fórum econômico da Ásia-Pacífico. Nosso principal objetivo é apoiar o crescimento econômico sustentável e a prosperidade na região da Ásia-Pacífico. Unem esforços para construir uma comunidade Ásia-Pacífico dinâmica e harmoniosa, defendendo o comércio e o investimento livres e abertos, promovendo e acelerando a integração econômica regional, incentivando a cooperação econômica e técnica, aumentando a segurança humana e facilitando um ambiente de negócios favorável e sustentável (APEC-2022)

O BRICS é um grupo informal de estados que compreende a República Federativa do Brasil, a Federação Russa, a República da Índia, a República Popular da China e a República da África do Sul. sua importância como uma das principais forças motrizes do desenvolvimento econômico global, sua população substancial e recursos naturais abundantes formam a base de sua influência no cenário internacional. (BRICS-2022)

A China está diretamente envolvida na comercialização internacional devido a alta competitividade dos produtos manufaturados exportados, devido ao “baixo custo da mão-de-obra, a larga escala de produção que tem como consequência a redução dos custos e a taxa de câmbio desvalorizada que funciona como subsídio às exportações” (SILVA, 2011, p. 46). Possui longas jornadas de trabalho com o menor salário/hora do mundo é umas das situações que atraem os investidores, pois a participação do custo trabalho na composição do valor do produto é baixa. (CESAR, 2016)

Atualmente a China ocupa a liderança no ranking global de exportações e importações com um somatório expressivo de movimentações. Seu PIB em 2020 foi de 14,72 trilhões de dólares e seu fluxo de comércio exterior, somando importações e exportações somam US\$ 4,2 trilhões no mesmo período. Desse modo, o montante envolvido no comércio internacional corresponde a 32,06 % da produção interna bruta do país. No topo da lista das exportações, estão os eletrônicos. O país é o primeiro produtor mundial de computadores e outros aparelhos da vida moderna, como agendas eletrônicas. Outras exportações de alto valor agregado são as pontes rolantes, aparelhos de ar-condicionado e “boilers” (classificados como maquinário). A China mantém ainda uma participação dominante na produção mundial de têxteis e artigos de vestuário, apesar da

progressiva diminuição desses bens menos intensivos em tecnologia na pauta de exportações. (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES-2013)

5. As vantagens da parceria Brasil-China

As relações políticas entre Brasil e China foram estimuladas tanto na esfera bilateral como na multilateral. Em 1974, foram estabelecidas relações diplomáticas entre os países e, desde então, têm evoluído de forma intensa, assumindo crescente complexidade. (CESAR, 2016). Durante os quase 50 anos de relações sino-brasileiras, poucos analistas teriam antecipado as intensas mudanças ocorridas durante esse período, tal qual a atual dimensão assumida.

O fortalecimento e intensificação do comércio entre Brasil e china é identificado como um fator importante para a expansão do comércio externo brasileiro. De forma geral, é intuitivo chegar à conclusão que, ao se manter relações harmoniosas e vínculo com uma nação com o status e poderio econômico tem-se a possibilidade de ser favorecido. Similarmente aos “casamentos arranjados”, realizados antigamente, que tinham como objetivo o estabelecimento de vínculos políticos e financeiros, além de influência e perpetuação de grandes dinastias, o firmamento de políticas e acordos entre nações hodiernamente pode ser estabelecido a partir de interesses em comum que geram benefícios a ambos os envolvidos. Entre Brasil e China, não é diferente.

Brasil e China firmaram diversos acordos desde que iniciaram suas relações. A estruturação e execução de acordos bilaterais têm por objetivo aumentar, ainda mais, o grau de cooperação entre os dois países através do estabelecimento de prioridades e projetos-chaves. A correntes de Comércio firmadas entre Brasil e China movimentam bilhões de dólares anualmente e tem sido crescente tanto em volume, como em valor, em exportações e importações. As exportações brasileiras com destino ao país asiático possuem intensa presença de produtos oriundos do agronegócio e commodities, concentradas em itens como: soja, minério de ferro e óleos brutos de petróleo. (CESAR, 2016) O perfil de importações oriundas da China consiste em produtos tecnológicos com alto valor agregado. A complementação dos comércios pode ser identificada como vantagem, uma vez que ambos os países se beneficiam dessa relação. Através do fornecimento predominantemente de material oriundo do setor primário brasileiro e importação de produtos manufaturados, tecnológicos e correlatos.

A extensão dos resultados alcançados extrapola as transações comerciais firmadas durante toda a parceria e adentra o cooperativismo em diversas áreas. A produção de conhecimento em termos de cooperação acadêmica se estendeu para os domínios da biotecnologia, ciências agrárias, climáticas, em fontes energéticas renováveis, infraestrutura, tecnologia da informação, dentre outros. A aproximação da comunidade científica de ambas as nações tende a trazer melhorias para as necessidades internas de seus respectivos países.

Além da complementaridade entre as duas economias, que se evidenciou com a significativa ampliação do fluxo de comércio, o vínculo Brasil-China não ocorreu somente em área econômicas e de pesquisa, mas também se estendeu como programas de inclusões sociais que tornaram referência para países em desenvolvimento. Tais quais, foram desenvolvidos no intuito de diminuir a desigualdade social. Logo, fora do âmbito econômico e político a relação com a China também envolve as demais áreas necessárias e importantes para desenvolvimento de uma nação. Ou seja, os vínculos são extensos e necessários em diversa esferas.

6. Os riscos e desafios da concentração comercial do Brasil com a China

O Brasil tem, desde 2009, a China como principal parceiro comercial. Assim, o país asiático vem assumindo a posição de uma das maiores fontes de investimento nacional, sendo responsável pelo principal destino das exportações brasileiras. É considerada, também, como a maior fonte das importações do Brasil. Ocupar o posto de principal parceiro comercial, pode se configurar como um risco eminente devido à forte dependência unilateral no comércio. Uma vez que, o montante comercializado, por parte chinesa corresponde a uma fração irrisória em sua economia e comércio internacional, em detrimento ao amplo comprometimento no destino das exportações brasileira e importações. A grosso modo, sem a china como destino das exportações e origem dos produtos importados, possivelmente, o Brasil se sucumbiria a nível de comércio internacional.

O Brasil não tem sido exitoso na atração de investimentos no setor agropecuário, o que sugere que a China entende que o país não precisa de

agropecuário, o que sugere que a China entende que o país não precisa de reforço para manter-se como importante fornecedor, e faz a opção estratégica

de reforçar a capacidade de alguns países que podem atuar como competidores do Brasil, tais com a Austrália e as Filipinas, os maiores receptores dos investimentos chineses em agricultura. Ainda assim, a China pode tornar-se um mercado ainda mais atrativo para os investimentos agrícolas, desde que o governo brasileiro supere o desafio presente nas legislações de propriedade e uso da terra e promova mudanças em âmbitos legislativos. Pouco se conhece sobre empresas brasileiras que tenham investimentos agrícolas na China, porém, os concorrentes do Brasil, como Austrália e Nova Zelândia, estão movimentando-se com rapidez nesse sentido. No curto prazo, a China parece não ter muitas alternativas de fornecimento, no longo prazo a situação pode mudar e gerar assincronia entre a China e o Brasil, o que levanta uma série de preocupações sobre a crescente dependência brasileira das importações chinesas de alimentos. (VIEIRA, 2002)

A Ausência de investimentos chineses no setor agropecuário brasileiro pode caracterizar a parceria como um tanto quanto predatória no que tange às vantagens comparativas do Brasil perante a China, fazendo com que aparenta que tal relação consiste apenas no aproveitamento dos recursos naturais aqui abundantes, podendo, sem tais investimentos, haver uma abrupta interrupção das compras, desde que outros fornecedores apresentem maiores vantagens competitivas e comparativas e conseqüentemente um preço menor dos produtos oferecidos pelo Brasil, visto que a quantidade de capital chinês investido em tal exploração é pouco ou quase nula.

O desabastecimento e escassez do mercado nacional e a alta de preços adjacente especialmente em itens alimentícios e de matriz energética é um fenômeno comum e pode ser ocasionado pela concorrência de produtos no ambiente consumidor externo. Apesar de estratégias econômicas e política de preços, controlar as variações e definir planos para evitar e ou mitigar os efeitos do cenário mundial sobre a disponibilidade de produtos ainda permanecem uma incógnita mal resolvida no pondo de vista nacional, e, estão relacionados principalmente às lacunas estruturais existentes, especialmente no setor agropecuário e gerador de energia brasileiro. Sendo assim, são alguns dos desafios a serem ser vencidos através do planejamento, correção e estruturação dessas microáreas.

A partir do texto de (VIEIRA, 2002), verifica-se que a capacidade do Brasil em suprir as necessidades alimentícias chinesa ao mesmo passo que gerencia a própria necessidade interna é discutida, uma vez que, o crescimento explosivo da China e sua rápida transformação estrutural de uma sociedade rural para uma economia de base urbano-industrial introduziram fissuras na tradicional política de autossuficiência alimentar. Como resultado, a China é forçada a implementar uma abertura seletiva do mercado de alimentos para as importações de produtos agrícolas, especialmente soja e carne bovina. Fazendo do Brasil o maior fornecedor de produtos agrícolas para o mercado

chinês. Sob essa perspectiva, nasce a problemática sobre o futuro das exportações brasileiras. Apesar de algumas previsões indicarem a autossuficiência da China em arroz, trigo, frutas, vegetais e proteína animal, porém, não causará espanto se, no futuro, a China ampliar as importações desses produtos. A partir disso, caberá ao Brasil realizar projeções para não se tornar um refém notório da importação chinesa, com consequências desastrosas no cenário de abastecimento nacional.

Apesar das diversas mudanças ocorridas nas lideranças do executivo e nos planos de governo em ambas as nações, as relações comerciais se mantiveram e intensificaram durante esse histórico. Porém, as divergências quanto ao sistema político adotado em ambos os países colocam em xeque a estabilidade da relação comercial entre Brasil e China. Os avanços obtidos dessa parceria no campo da governança econômica pouco se refletem na esfera política. Tal descompasso entre os ritmos em que esses processos se desenrolam limita o alcance da atuação dos dois países em questões sensíveis, de potencial risco sistêmico, para a paz, a segurança e o bem-estar mundial. (LIMA, 2016) A sustentação dessa estabilidade e pacificidade entre as nações depende de uma miríade de fatores, e certamente, utilizar de bom senso e entendimento da necessidade dessa manutenção por parte dos líderes de estado, assim como zelar dos interesses de ambos os envolvidos é fundamental para o sucesso de hoje e do futuro das relações. De modo geral, uma possível ruptura dos vínculos e acordos traz consigo consequências inimagináveis em diversas esferas, direto e indiretamente.

Embora os investimentos chineses ocorram em larga escala e de forma direcionada ao mercado brasileiro, seguindo suas necessidades e áreas de interesse, o mesmo não ocorre de forma tão intensa por parte dos investidores brasileiros. De modo similar, apesar das diferenças culturais, sociais e geográficas, a inserção chinesa em nichos comerciais específicos está mais consolidada e presente no Brasil em detrimento a presença Brasileira no mercado nacional do país asiático. Dessa forma, conclui-se que a expansão dos investimentos chineses no Brasil não foi acompanhada por movimento semelhante das empresas brasileiras em direção ao mercado chinês.

Em dito popular, entende-se que até determinado limite, um desafio pode se tornar uma oportunidade. Partindo desse pressuposto, algumas análises resultam em previsões sobre a eminente modificação do cenário devido ao processo de envelhecimento da população, onde deve-se reduzir a sua competitividade em setores intensivos em mão de obra em geral e gerar oportunidades nas grandes fronteiras que se abrem no domínio das

indústrias criativas, como design, turismo, software, produções audiovisuais, gastronomia

etc. Ocupar uma possível lacuna em setores que podem ter alta aceitabilidade e acolhimento no mercado chinês é fundamental para alterar o atual cenário de suas respectivas ocupações estrangeiras.

7. Considerações finais

A parceria comercial entre Brasil e China perdura desde 1974, de forma que o relacionamento vem se desenvolvendo e aprofundando continuamente. Porém, toda relação pode ser interpretada de diferentes formas, ou seja, questiona-se qual o limite de envolvimento é viável e benéfico para as nações, assim como as vantagens e desvantagens envolvidas no processo.

Como verificou-se, o comércio sino-brasileiro é vantajoso para ambos os envolvidos, uma vez que se complementam e movimentam montantes significativos. Entretanto, é imprescindível que o Brasil se desenvolva em outros setores e diversifique seus parceiros comerciais, para que não fique altamente “dependente” da exportação de bens primários. Visto que, qualquer oscilação da importação chinesa de sobre o catálogo de produtos base comercializado resultará em impactos significativos para a economia brasileira.

Ater-se à exportação de produtos primários pode ser fator limitrofe no crescimento e desenvolvimento de um país. O Brasil precisa desenvolver-se nos itens de maior valor agregado para conquistar outros mercados e aumentar seus itens de competitividade.

Por todo o exposto, ter a China como principal parceiro comercial possui vantagens e desafios. Tendo como base a dependência comercial brasileira supracitada, a concentração do comércio com a China pode ser identificada com um ponto de inflexão e análise, que deverá ter suas variáveis e possíveis desfechos estudados para posteriormente definir a melhor conduta na estruturação futura das exportações brasileiras.

O caminho para o fortalecimento do comércio internacional brasileiro, não só com a China, mas também para o restante dos seus parceiros comerciais, passa pelo planejamento e desenvolvimento de estratégias para mitigar possíveis danos através da identificação de riscos e desafios. O Brasil, para se manter em vantagem, deve com urgência buscar alternativas à sua atual pauta de exportação, não diminuindo a quantidade de produtos primários, mas também priorizando produtos de maior valor agregado, de

forma a diversificar tal pauta e assim garantir uma melhor retenção de emprego e renda no país.

8. Referências

ACIOLY, L. China: Uma Inserção Externa diferenciada. *Economia Política Internacional: Análise Estratégica*. n.7, out. /dez. 2005.

APEC. Asian Pacific Economic Cooperation. <https://www.apec.org/> Acesso em: maio/2022.

ARBOLÉYA-LOPES, W. F.; SESSO FILHO, U. A.; ESTEVES, E. G. Z. Estimativa do impacto do comércio Brasil-China sobre o trabalho por nível de qualificação. *Geosul*, v. 35, n. 77, p. 581–602, 2020.

Association Of Southeast Asian Nations Disponível em: <https://asean.org/>. Acesso Em Maio/2022.

BRAGA, M. J. China: Estabilidade E Crescimento Econômico. *Revista de Economia Política*, v. 30, n. 2, p. 201–218, 2010.

BRASIL 2011, BRASIL. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, I. E. C. E. (2011). *Agenda China: ações positivas para as Relações Econômico-Comerciais Sino-Brasileiras*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. 2011. [s.d.].

Brasil. Ministério das Relações Exteriores. Divisão de Inteligência Comercial. *Como Exportar: China/ Ministério das Relações Exteriores.* Brasília: MRE, 2013.

BRICS INFORMATION PORTAL. Disponível em: <https://infobrics.org/page/history-of-brics>_Acesso em abril/2022

CESAR, H. *Processando o Saber*. p. 120–123, 2016.

DANTAS, A. T.; SANTOS, A. M. S. P. *Formação Econômica do Brasil (Vol. 1)*. [s.l.: s.n.]. v. 1

COMEX STAT - Portal para acesso gratuito às estatísticas de comércio exterior do Brasil. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/comex-vis>. Acesso Abril/2022

DIAS, C. R.; LEITE, G. DE S.; MORI, J. S. Evolução das relações comerciais entre Brasil e China: Uma análise dos anos 2002 a 2014. *Espacios*, v. 37, n. 24, p. 16, 2016.

DREBES, L. N.; SOARES, C. J.; PINTO, F. S. T. *SICT Res.*, Bento Gonçalves, RS, v.9, dez. 2020. p. 7893, 2020.

HIRATUKA, CÉLIO; SARTI, F. *RELAÇÕES ECONÔMICAS ENTRE BRASIL E CHINA : ANÁLISE DOS 1 INTRODUÇÃO* Um dos fenômenos mais importantes na economia mundial no período recente é a ascensão da China como potência emergente . Além de ter se tornado a maior do Brasil , certamente , o crescime.

Revista Tempo Do Mundo, v. 2, p. 16, 2016.

LIMA, S. E. M. (ORG). Brasil e China: 40 anos de relações diplomáticas: análises e

documentos. p. 480, 2016.

IPEA Instituto De Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br>. Acesso Junho/2022

MARTINS, C. Artigos. p. 67–81, 2005.

MEDEIROS, C. A. China : Desenvolvimento Econômico e Ascensão Internacional. p. 1–19, 1979.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2022/janeiro>. Acesso Maio/2022

NONNENBERG, M. J. B. China: estabilidade e crescimento econômico. **Revista de Economia Política**, v. 30, n. 2, p. 201–218, jun. 2010.

TECNOLOGIA, F. D. E.; LESTE, Z. RELAÇÕES COMERCIAIS BRASIL E CHINA : OS IMPACTOS DA PANDEMIA COVID-19. 2021.

REGIONAL COMPREHENSIVE ECONOMIC PARTNERSHIP. Disponível em: <https://rcepsec.org/> . Acesso em Maio/2022

Portal da Transparência Disponível em: <https://portaltransparencia.gov.br/funcoes/10-saude?ano=2021>. Acesso Maio/2022

VIEIRA, P. A. O BRASIL ALIMENTARÁ A CHINA OU A CHINA ENGOLIRÁ O BRASIL ? nas oportunidades . A China , apesar do seu território extenso , tem o desafio de em uma perspectiva de sustentabilidade , nacional e global . Já o Brasil , com menores a geração sustentável de ex. 2002.

WORLD TRADE ORGANIZATION. World Trade Stastical Review Chapter V Statistical Tables. **Technometrics**, 2020.

